

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivli*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

PALÁCIO VAZ DE CARVALHO, A DIACRONIA DE UM SÍTIO: DA PRÉ-HISTÓRIA À CONTEMPORANIDADE

Anabela Sá¹, Inês Mendes da Silva²

RESUMO

Os trabalhos de reabilitação do Palácio Vaz de Carvalho, localizado no Campo dos Mártires da Pátria n.ºs 60-65 (Lisboa) permitiram o registo de uma longa ocupação deste local, desde a pré-história recente aos tempos actuais. Relativamente ao edifício do Palácio, observou-se uma sequência de fases construtivas que permitiu compreender a articulação do espaço habitacional com os espaços de lazer e sua evolução ao longo do tempo. Entre os diferentes contextos identificados, destaca-se um relevante conjunto de estruturas relacionadas com a vivência dos jardins.

Palavras-chave: Pré-História; Período Moderno; Estruturas hidráulicas; Jardins; Palácio; Lisboa.

ABSTRACT

The rehabilitation work of the Vaz de Carvalho Palace, located in Campo dos Mártires da Pátria 60-65 (Lisbon) allowed the record of a long occupation, from recent prehistory to the present. As for the palace itself, a sequence of constructive phases was observed that allowed the understanding of the articulation between the living and leisure spaces and its evolution over time. Among the relevant contexts identified, a set of constructions related to the gardens stands out due to its rarity.

Keywords: Prehistory; Modern Age; Hydraulic structures; Gardens; Palace; Lisbon.

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O “Palácio Vaz de Carvalho”, também conhecido como “Casa das Torrinhas”, situa-se na colina de Santana, freguesia de Arroios, concelho de Lisboa. O imóvel encontra-se circunscrito por três arruamentos abrangendo o Campo Mártires da Pátria nº 60 a 65, a Travessa José Vaz de Carvalho, 1 a 11; e Travessa das Recolhidas, 3 a 7.

Originalmente esta área encontrava-se no exterior da cidade amuralhada, embora relativamente próxima. À medida que Lisboa se expandiu pela colina de Santana, este passou a ser um sítio cada vez mais integrado nas grandes tradições da vida cidadina. No final da idade média e início do período moderno a documentação indicia a sua designação como *Campo do Curral*, por ser local de venda e abate de gado.

Corroborando este crescimento da malha urbana do espaço extra-muros, as fontes salientam que o *Mata-douro do Campo do Curral*, mais tarde do *Campo de Santana* por se encontrar nas proximidades do Convento homónimo (aqui construído no século XVI), incomodava a vizinhança com os odores desagradáveis resultantes das rezes abatidas. Pensando na sua transferência para outra localização, D. Sebastião assinou uma provisão, no sentido de melhorar o seu estado sanitário.

O espaço alcançou a sua designação actual, *Campo Mártires da Pátria*, em edital de 11 de Julho de 1879, após aqui terem sido enforcados alguns dos heróis da conjura de 1817, liderada pelo General Gomes Freire de Andrade.

Os participantes deste movimento foram imediatamente julgados e condenados à morte, ainda que não fossem cumpridos todos os trâmites legais,

1. ERA Arqueologia SA.

2. ERA Arqueologia SA / Centro de História Universidade de Lisboa.

pelo que, no ano de 1818, se ergueram neste *Campo de Santana*, as forcas a que iriam subir os patriotas que tinham conspirado contra a Regência e também contra o Marechal Beresford, Comandante do Exército Português.

Relativamente ao edifício propriamente dito sabe-se que uma parte terá sido construída no século XVII, no topo Norte do Campo Mártires da Pátria. A referência mais antiga data de 1661, onde é mencionado como integrando o morgadio instituído por Cecília Temudo e designado como *nobres casas das Torres do Campo do Curral da Cidade de Lisboa*.

As fontes históricas, registam que terá atravessado por grandes períodos de arrendamento entre a segunda metade do séc. XVII e os anos 30 do séc. XVIII, altura em que se torna propriedade, em definitivo, de José Vaz de Carvalho, que terá aplicado uma elevada soma monetária para efectuar melhoramentos diversos no edificado.

Tendo por base o Inventário de 1793, o edifício seria formado por diversas salas, que revelam uma construção de carácter palaciano, recriando a arquitectura nobre do século XV. É evidente o investimento do proprietário na remodelação e readaptação dos espaços interiores de forma funcional, caracterizando-se por uma residência nobre, mas de carácter campestre e servida por criadagem.

«(...) *hum* cozinha com sua conserva agoa, e duas *pias* tudo pedra e seu forno de assados, sendo esta *caza* que serve de despensa, e mais *hum* *caza* com seu pozo de nora a Mourisca e na mesma rua *hum* *caza* de cavalharissa com suas mangedouras de pedra e sua pia para agoa, seguido a esta para o lado do sul *hum* cocheria e *caza* de *carreyos* com *hum* grande palheiro por cima e no pavimento da loge de entrar para o lado Nascente se contão onze *cazas* em entra *salla* de entrada sendo parte destas terra firme, e parte em sobrados com a frente para o Campo de Santa Ana, e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repucho e seus *asentos* e dous *alegres* todos azolejados e no fundo do jardim seu *protico* com sua escada de dous lances que dá *serventia* a *hum* *caza* que serve de *armazém* de azeite com seis *talhas* grandes emterradas em pedra e cal e sua pia grande que serve de *salgadeira* de pedra, e por cima destas suas *cazas* de sobrados com tres *cazas* sendo *hum* despensa, e duas de *seleiros* (...)»³

3. Estudo histórico “Casa das Torrinhãs: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos.

Neste documento são mencionados áreas e pormenores, cuja descrição se pode associar a estruturas arqueológicas específicas detectadas no âmbito da intervenção realizada no palácio.

A descrição revela-nos uma complexa organização habitacional e de serventia do espaço durante o século XVIII, sendo completada pelas evidências arqueológicas identificadas no subsolo, que se inserem entre os séculos XVII e XX.

Do ponto de vista arquitectónico, o edifício apresenta uma morfologia em formato de U irregular. O seu centro aloca um jardim arborizado. Relativamente à fachada principal, esta apresenta uma ornamentação simples para as características denominantes da sua génese construtiva – *sem arrebiques decorativos, com a excepção do pequeno toque diferenciador das grades simples das sacadas do andar nobre. Quanto ao resto – cunhais, cantarias das janelas e cimalha – é tudo pautado por uma simplicidade austera. Um pormenor parece indiciar alguma complexidade na construção. O andar intermédio, de janelas de peito, espécie de mezzanino, revela na leitura exterior um pé-direito bastante avantajado para aquilo que será referência na arquitectura civil mais tardia. Poderá colocar-se a hipótese de originalmente a casa ter somente um andar, com pé-direito enobrecedor, e que mais tarde tenha sido acrescentada em altura com o piso nobre de sacadas* ⁴.

Um outro pormenor arquitectónico interessante é a presença de uma chaminé de grandes dimensões (visível na fachada da Travessa das Recolhidas).

Pelo seu espaço de ocupação e cronologia conhecida, o Palácio Vaz de Carvalho poderá corresponder a um dos exemplares mais antigos de residências nobres erigidas no *Campo do Curral*.

A intervenção realizada neste espaço contou com 27 sondagens arqueológicas de diagnóstico, 9 sondagens parietais e o acompanhamento arqueológico integral da movimentação e escavação de terras efectuada no âmbito da obra, permitindo o registo de um conjunto de elementos antrópicos, de tipologia e cronologias variadas, relacionados com diferentes fases construtivas e de utilização do Palácio Vaz de Carvalho. Foi ainda possível o reconhecimento de contextos consistentes com uma ocupação anterior ao edificado moderno, relacionados, em particular, com o matadouro do séc. XVI e, ainda, com uma ocupação pré-histórica desta zona da cidade de Lisboa.

4. Inventário de 1793, citado por Estudo histórico “Casa das Torrinhãs: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos.

2. O ESPAÇO ANTES DA CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DA ÉPOCA MODERNA

Em fase de sondagens arqueológicas, ficou rapidamente em evidência que os contextos arqueológicos mais antigos correspondiam a depósitos e estruturas negativas antrópicas da pré-história recente que foram registados nas áreas do jardim e cozinha do palácio.

As estruturas encontravam-se colmatadas por depósitos coluvionares contendo abundantes inclusões de material lítico com indícios de talhe e, em muito menor quantidade, alguns fragmentos de cerâmica manual que, numa primeira análise, remetem para uma cronologia balizada entre o Neolítico Antigo e o Calcolítico.

A cerâmica associada a estas estruturas encontrava-se erodida e muito fragmentada, não permitindo a reconstituição de formas. O espólio de origem lítica apresenta-se maioritariamente talhado sobre sílex embora também se tenham recolhido espécimes em quartzito e quartzo leitoso. No seu conjunto, os elementos estudados exemplificam as várias fases da cadeia-operatória indiciando o talhe da pedra no local. Precedendo também o edificado do palácio moderno, foram registados alguns contextos com vestígios de fauna mamalógica, nomeadamente ossos e chifres, dispersos um pouco por toda a área do projecto. Correspondem a níveis de aterro e de despejo que poderão ter a sua formação relacionada com a actividade de abate de animais no período em que, aqui próximo, terá funcionado o matadouro do “Campo do Curral”. As envoltórias deste espaço deverão ter, de facto, servido para o descarte dos subprodutos dos abates e desmancho dos animais.

3. O PALÁCIO DA ÉPOCA MODERNA

O registo arqueológico do faseamento construtivo do edifício palaciano propriamente dito, permitiu que se circunscrevesse uma primeira fase construtiva habitacional, com uma área substancialmente mais reduzida do que a actual. Observou-se um claro desenvolvimento do edifício na direcção do jardim Campo Mártires da Pátria, ao longo da Travessa José Vaz de Carvalho.

A observação parietal exterior e interior, permitiu confirmar que o corpo primitivo deste edifício se localizaria no cruzamento da Travessa das Recolhidas com a Travessa José Vaz de Carvalho, terminando

onde hoje se encontra a porta de acesso neste último arruamento (Fase 1). Posteriormente, foi encostado por um segundo corpo localizado a nascente: Fase 2, ele própria aumentado e encostado, consecutivamente, pela edificação correspondente à Fase 3.

No diagnóstico arqueológico já havia sido possível verificar, no interior do palácio, que esta habitação terminaria na área que designamos como fase 2, sendo possível observar na parede 1 uma porta com degrau e um arco entaipados.

Com os dados disponíveis, não foi possível aferir se o arco que se encontra ao lado da porta supramencionada (parede 1) também faria a ligação para o exterior, no entanto, consideramos possível que o mesmo pudesse servir como portão de acesso para o interior do palácio. Este arco encontrava-se parcialmente entaipado e foi desmontado pela construção da parede do corredor (Parede 3), tendo dado lugar a um segundo arco que sustenta o tecto do mencionado corredor interno.

Esta observação, juntamente com os dados estratigráficos obtidos na sondagem 2-7, reforçou a evidência de que esta compartimentação, nomeadamente o corredor interior, foi construída em fase posterior, talvez até em período contemporâneo.

Na zona do corredor externo, na Parede 4, a par das evidências de ligação entre as Fases 2 e 3 surgem também alterações no segmento ao nível das zonas de passagem, sendo manifesto o encerramento e desmonte parcial de alguns vãos para a construção de outros.

Nas sondagens arqueológicas realizadas nas salas adjacentes, foi sinalizado um piso em argamassa que apresenta uma inclinação no sentido descendente, consistente com declive existente na actual Travessa José Vaz de Carvalho.

Na Parede 5 é visível o encerramento do vão de uma porta, possivelmente consequência da construção do actual corredor, sendo ainda observável neste vão entaipado vestígios de azulejos de cantoneira, com decoração a azul sobre fundo branco, formando um friso. Estes azulejos são semelhantes aos que foram detectados no revestimento da estrutura [1147] e o caneiro [852], que faz a ligação à cisterna [857].

Com base nestes dados, é possível avançar com a hipótese de que os vãos originais do Palácio Vaz de Carvalho (janelas e portas) deveriam ter frisos decorativos em azulejo e que obras subsequentes implicaram a sua remoção e posterior reaproveitamento nas estruturas hidráulicas mencionadas.

Na Parede 6, onde se localiza uma das actuais entradas do palácio, são também visíveis alterações construtivas. A porta de entrada sofreu alterações, tendo sido redimensionada no sentido de se reduzir a sua largura, encontrando-se parcialmente entaipada.

No que concerne a parede 7, tendo em conta o facto de se encontrar encostada à fachada do edifício voltada à Travessa Vaz de Carvalho (Parede 6), corresponde a uma outra alteração à arquitectura original do edifício. A sua construção sob a escadaria nobre, permite avançar a hipótese ambas poderem ser contemporâneas.

Na parte poente da parede 6 (que se encontra na área dos compartimentos criados pela construção da parede 7), foi possível registar uma enorme diversidade de alterações que perturbaram aquele que corresponde ao corpo mais antigo do edificado.

Com os dados disponíveis não é possível perceber se as transformações serão, ou não, contemporâneas das várias ampliações observadas na zona sudeste do palácio, podendo-se apenas supor que estas últimas terão certamente produzido algum tipo de remodelações na compartimentação do antigo edificado.

3.1. Estruturas relacionadas com o jardim do palácio Vaz de Carvalho

No decurso dos vários trabalhos arqueológicos, foram sendo identificadas estruturas de condução de águas, especialmente canalizações em grés ou caneiros em alvenaria, um poço, bem como uma cisterna associada a um caneiro e uma estrutura de recepção e armazenamento de águas. A sua identificação veio contribuir para a confirmação da descrição histórica supramencionada⁵.

O sistema de abastecimento de água centrava-se, em grande medida, num poço detectado, referido na documentação como *“huma caza com seu pozo de nora a Mourisca”*, cuja intervenção revelou uma planta circular, com cerca de 3m de diâmetro e 5,5 m de profundidade. Estava directamente relacionado com condutas de escoamento em grés, protegidas com lajes de calcário, cuja implantação resultou na desactivação de alguns caneiros de alvenaria. O seu sistema de drenagem estava em conexão com um nível de pavimento composto por blocos/seixos de basalto, provavelmente contemporâneos entre si.

Posteriormente, foi possível identificar, em duas salas anexas situadas a nascente do poço e associadas

a este, um conjunto de estruturas que deveriam estar ligadas às canalizações detectadas. Embora bastante destruídas, estas deveriam compor um conjunto de recepção de águas providas de canalizações em barro que, por estarem embutidas na parede, deveriam corresponder a captações de água do piso superior e dos telhados.

Este conjunto de realidades delimita uma estrutura semicircular afunilada, com fundo em plano inclinado, que receberia a água dos caneiros, conduzindo-a para um canal.

Quer o referido canal quer a estrutura, eram revestidos por azulejos de cantoneira do século XVII, maioritariamente com pintura a azul, embora alguns exemplares apresentassem uma das faces vidrada, sem decoração, e outros com pintura a azul e amarelo.

Relativamente a esta solução de revestimento, concluiu-se que seriam reaproveitamentos pouco dispendiosos pois, como referido anteriormente, este tipo de azulejo seria utilizado no remate dos cantos de portas ou janelas.

Entre as decorações observadas, existe uma predominância dos motivos vegetalistas/fítomórficos e encanastrados sendo, ainda assim, possível reconhecer “rendas” semicirculares. Este motivo poderia certamente enquadrar-se no grupo de decorações que reconhecidamente se inspiram em tecidos e que decoravam frequentemente os painéis dos altares tendo-se difundido enormemente, ao longo do século XVII, através da produção de loiça doméstica em faiança.

No decurso da limpeza do patamar superior do logradouro, sobre a cisterna, foi possível o reconhecimento de outras estruturas que integrariam originalmente o jardim do Palácio Vaz de Carvalho: umas escadas revestidas com azulejos atribuíveis ao séc. XVIII e uma estrutura hidráulica de condução de águas tipo caneiro, parcialmente destruída, que se encontrava associada à estrutura afunilada anteriormente descrita.

Como elemento principal deste conjunto coevo, foram identificados dois lanços de escadas formando uma composição de simetria em V, referenciadas na documentação histórica previamente citada: *“e no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances que dá serventia a huma caza”*.

A interface desta escadaria cortava uma cisterna de armazenamento de águas, com cobertura abobadada, em falsa cúpula, de cronologia moderna.

5. Inventário de 1793.

Tratava-se de uma estrutura em alvenaria argamassada construída com pedra toscamente aparelhada de natureza calcária, calco-arenítica e margosa, intercalada com algumas fiadas de tijolo, ligadas com argamassa de cal. A falsa cúpula era em alvenaria de tijolo ligado por argamassa.

No interior deste reservatório verificou-se a presença de nichos. Concluiu-se que, exceptuando um, nenhum dos outros apresentava continuidade em caneiro. dois correspondiam ao acesso a duas pequenas “salas” escavadas no substrato geológico margo-argiloso, enquanto os restantes dois, com arco em tijolo, se constituíam como estruturas de sustentação e de descarga para o peso da falsa cúpula.

O caneiro apresentava-se completamente revestido com azulejos de cantoneira pois correspondia à saída da estrutura afunilada na direcção da cisterna.

No registo documental histórico é referido: “(...) e no sentro seu jardim com seu lago no meyo de pedra com sua conserva de agoa para repuxo”. Com efeito, parece-nos que a cisterna corresponde, com exactidão a esta descrição, sendo um reservatório de água para o lago central e seu repuxo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do empreendimento de recuperação do Palácio Vaz de Carvalho contribuíram para a compreensão da ocupação daquele espaço e evolução do seu edificado.

Na sequência dos trabalhos realizados foram detetadas importantes estruturas que se integravam num espaço ajardinado de lazer do período moderno (2ª metade ou finais do século XVII e século XVIII), algumas das quais se encontravam referenciadas em fontes documentais de finais do século XVIII.

Ainda que desactivadas devido à dinâmica que gere as diferentes readaptações do espaço à medida das necessidades de cada período histórico, salienta-se a confirmação da existência de um “*pozo de nora a Mourisca*”, de uma série de estruturas hidráulicas onde se inclui uma cisterna e que corresponderia à “*conserva de agoa para repuxo*” e do lago situado “no sentro seu jardim”. Também aqui se inclui a presença de uma escadaria “no fundo do jardim seu protico com sua escada de dous lances” que também se encontrava representada na cartografia histórica.

BIBLIOGRAFIA GERAL

REIS, H.; PEREIRO, T.; CABAÇO, N.; RAMOS, R.; VALERA, A. (2017) – “Novos dados sobre as ocupações neolíticas do centro de Lisboa”, in *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da questão*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

FONTES

Estudo histórico “Casa das Torrinhas: Palácio Vaz de Carvalho” RRJ arquitectos.

SÁ, Anabela; TERESO, Sofia; BEATRIZ, Márcio (2019) – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Palácio Vaz de Carvalho (texto policop.), Cruz Quebrada, ERA Arqueologia.

CARTOGRAFIA

Carta Geológica de Portugal, folha 34-D, Escala 1/50.000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.

Carta Militar de Portugal, folha 431 Escala 1/25.000, Serviço Cartográfico do Exército.

PÁGINAS DE INTERNET

Portal do Arqueólogo: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: <http://geo.patrimoniocultural.pt/>

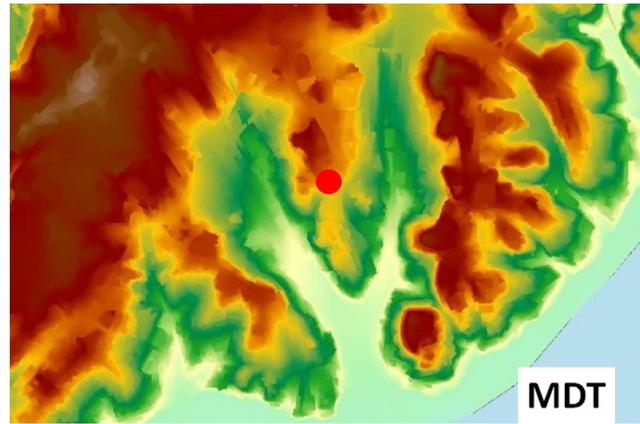


Figura 1 – Localização em Carta Militar de Portugal à escala 1/25000, folha 431 e e cartografia de relevo MDT (Modelo Digital do Terreno).



Figura 2 – Localização do edifício na Planta Topographica de Lisboa 1780; na planta de Duarte Fava, 1807; na planta de 1812 do Duque de Wellington; e na planta de Filipe Folque, 1856-1858.



Figura 3 - Trabalhos de escavação de contextos da pré-história recente, na sondagem 14.



Figura 4 - Pormenor da interface [18010], preenchida com restos de fauna.



Figura 5 – Planta do edifício existente previamente à obra e seu faseamento construtivo.



Figura 6 – Aspecto da fachada exterior voltada à Travessa José Vaz de Carvalho podendo observar-se a distinção entre Fase 1 e Fase 2 e entre Fase 2 e Fase 3.



Figura 7 - Vistas gerais da parede 1, onde termina a Fase 2 (or NW).



Figura 8 - Parede 5: aspecto da recuperação de uma porta que havia sido entaipada, integrando azulejo de cantoneira no revestimento interno.



Figura 9 - Vista geral do topo da estrutura.

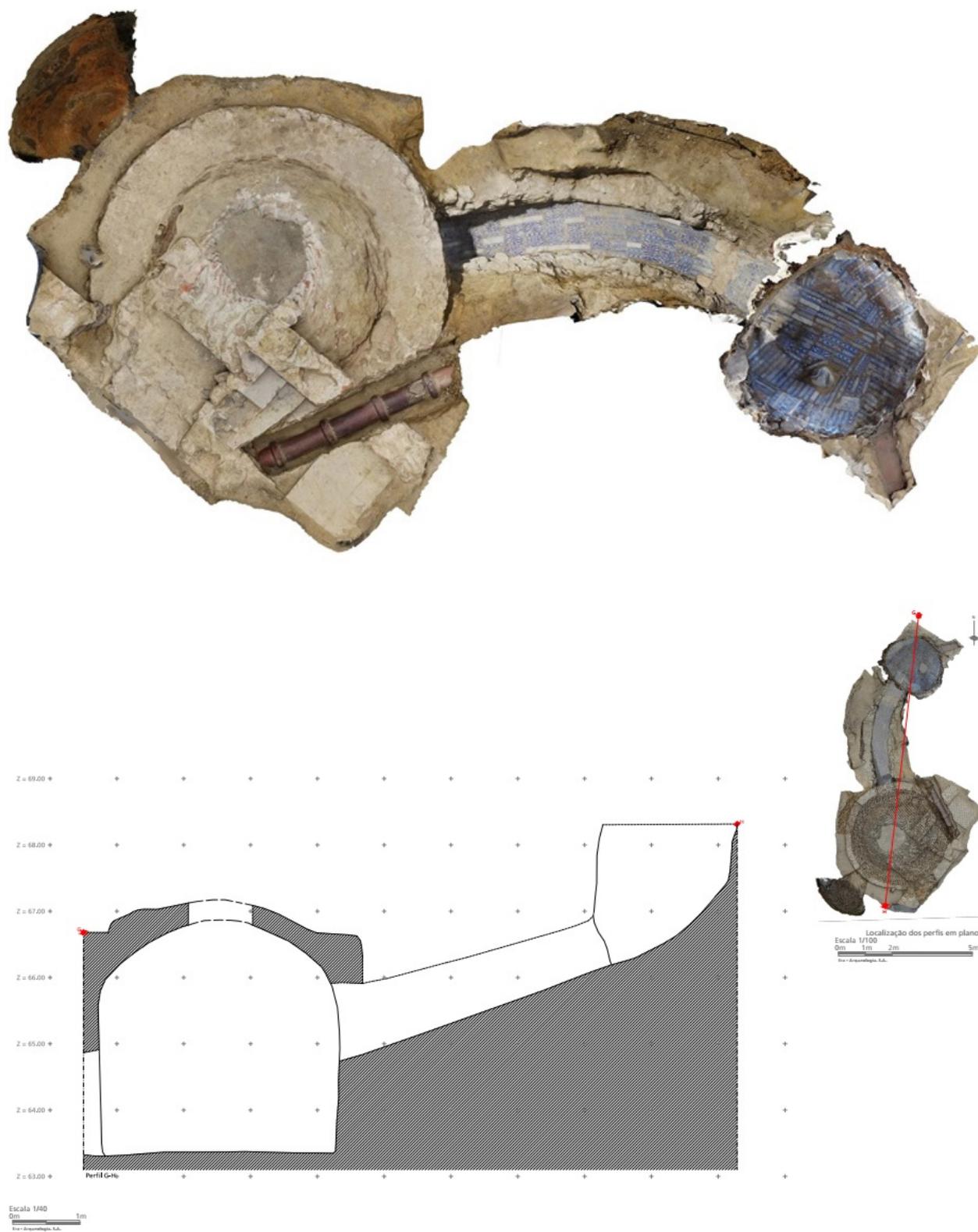


Figura 10 - Planta e secção das estruturas.

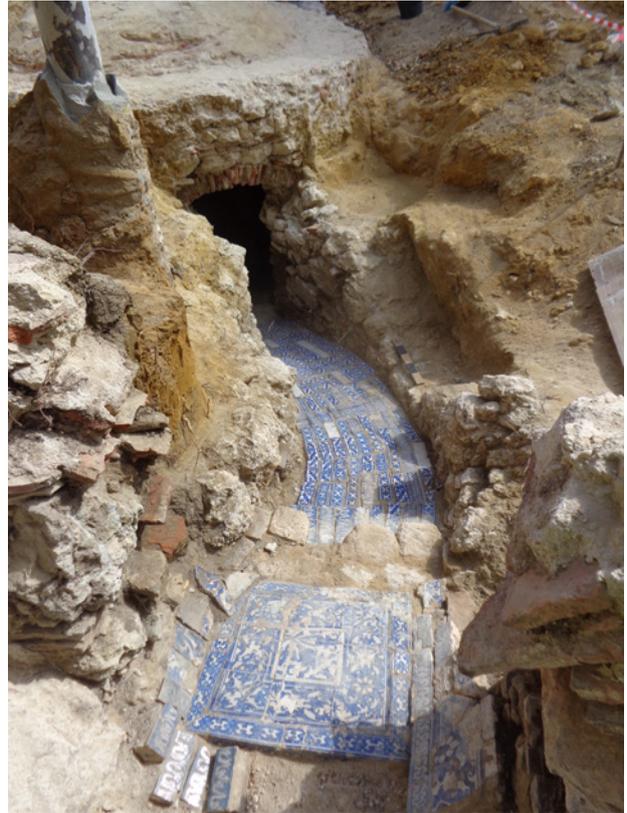


Figura 11 - Perspectivas do caneiro a partir do interior da cisterna (esquerda) e a partir da estrutura afunilada (direita).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**